

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

WILLIAM SHAKESPEARE
Adaptação de Ruth Salles

William Shakespeare, um dos maiores dramaturgos de todos os tempos, nasceu no século XVI e morreu no século XVII, tendo deixado, além de dramas históricos, comédias e tragédias, também um volume de sonetos, cujo conteúdo ainda constitui um enigma para os críticos. Com verdadeira genialidade, ele soube elaborar todo tipo de personagens, que vivem no palco desde os sentimentos mais simples até as paixões mais trágicas.

A comédia SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO, como se vê pelo título, supõe-se que foi escrita para uma festa de noite de São João. Deve ter sido composta por volta de 1594, mas só em 1600 é que foi publicada pela primeira vez.

Segundo Almeida Cunha e Oscar Mendes, há várias fontes para esta peça. A história de Teseu e Hipólita está em Plutarco e em Chaucer ("Knight's Tale"). Vários romances medievais falam de Oberon, e a briga dos reis das fadas parece ter sido inspirada também em Chaucer ("Merchant's Tale"), sendo que Titânia consta das "Metamorfoses" de Ovídio. A idéia do sumo amoroso se encontra em Jorge de Montemayor ("Diana namorada"), e vemos a história de Píramo e Tisbe de novo em Ovídio e Chaucer.

TRECHO - Primeiro ato - Cena 1

Atenas, palácio de Teseu. Entram Teseu, Hipólita, Filóstrato e respectivos séquitos. Depois entram Egeu, Hércia, Lisandro e Demétrio. Por fim, Helena.

TESEU:

- Minha Hipólita, faltam quatro dias para a noite do nosso casamento. Porém, como demoram a passar...

HIPÓLITA:

- Tem mais paciência, meu Teseu querido, pois só na lua-nova casaremos. Ela já está minguando, e logo, logo, brilhará como um risco prateado, curvada como um arco de Cupido, soltando suas setas amorosas lá do céu, abençoando nossas bodas.

TESEU:

- Pois então, preparemos os festejos! (dirige-se a Filóstrato):
- Vai, Filóstrato, anima nossos jovens, para que assistam as solenidades! Organiza espetáculos alegres e pompas triunfais!

FILÓSTRATO: - Sim, senhor duque! (ele sai)

EGEU (entra com Hérnia, Lisandro e Demétrio):

- Salve Teseu, o nosso excelso duque!

TESEU:

- Meu bom Egeu, que queres tu de mim?

EGEU:

- Vim queixar-me de minha própria filha. (aponta Hérnia)

Sim, de Hérnia! - Demétrio, aproxima-te!

- Este rapaz tem meu consentimento para casar com ela, senhor duque.

Mas agora apresento-vos Lisandro, que enfeitiçou o coração de Hérnia.

E a obediência que ela me devia

Lisandro transformou em teimosia.

Agora, duque, eu peço a Vossa Graça:

se diante de vós Hérnia persiste

em não querer casar-se com Demétrio,

que se recorra à antiga lei de Atenas,

que permite a um pai dispor dos filhos.

Que minha amada filha seja morta!

A COMÉDIA DOS ERROS

WILLIAM SHAKESPEARE

Adaptação de Ruth Salles

A Comédia dos Erros foi publicada pela primeira vez em 1623. Já citada porém em 1598, consta ter sido escrita por volta de 1591. Nesta sua única farsa, Shakespeare parece ter-se baseado em Plauto, mas ainda há dúvidas quanto a isso. A peça fica entre a comédia e o drama: o drama de Egeu ao procurar a mulher e os filhos desaparecidos e a história desses dois filhos gêmeos, com seus dois criados gêmeos, sempre confundidos no decorrer da trama, o que ocasiona as cenas de comédia. Egeu é de Siracusa, na ilha da Sicília, e chega a Éfeso, uma das cidades fundadas na Ásia Menor pelos jônios depois que estes foram expulsos da antiga Grécia pelos dórios. Um gêmeo Antífolo e seu servo Drômio foram criados em Siracusa com o pai Egeu. O outro gêmeo Antífolo e seu servo Drômio viviam em Éfeso.

TRECHO - Primeiro ato - Cena 1

Sala do palácio do duque.

O duque Solino, Egeu, o carcereiro, cavalheiros e damas do séqüito.

EGEU:

- Duque Solino, sela minha sorte,
e minha dor se acabará com a morte.

DUQUE:

- Cala-te, mercador de Siracusa!
Sou o duque de Éfeso e não posso
ser parcial nem infringir a lei.
Se em Siracusa nossos mercadores
foram mortos por essa lei terrível,
criada por quem hoje vos governa,
agora, um cidadão de Siracusa
será **preso** se for achado em Éfeso,
será **morto** e seus bens são confiscados,
a não ser que ele pague aqui a multa
de mil marcos, que tu, Egeu, não tens.

EGEU:

- Pois vossa lei será o meu conforto.
Esquecerei a dor estando morto.

DUQUE:

- Egeu de Siracusa, quero ouvir
qual o motivo que te trouxe a Éfeso.

EGEU:

- Não poderia haver pior tarefa
do que narrar aqui o inenarrável,
que é a dor que causou a minha vinda.
Mas é justo que o mundo testemunhe
que a força do destino é que me trouxe,
e não qualquer ofensa a vós e a Éfeso.
Nasci em Siracusa, e lá casei-me
com Emília, a esposa que me deu
dois filhos gêmeos totalmente iguais.
No mesmo dia, uma mulher humilde
deu à luz dois meninos também gêmeos.
Os pobres pais não tinham condição
de criar nenhum deles, e eu comprei-os,
para futuramente serem servos
de nossos dois meninos. Nós pensamos
em chamar um dos filhos de Antífolo,
e um dos servos de Drômio. Porém nada
resolvemos então. Pois nós estávamos

longe de casa, em viagem de negócios.
Ao voltarmos por mar, em pouco tempo
o nosso barco, às tontas na tormenta,
nos quis mostrar que a morte estava próxima.
Os marujos fugiram em seus botes,
deixando o barco naufragar conosco.
Emília atou-se à ponta de um dos mastros,
e eu amarrei-me à outra. Cada um
atou consigo um filho e um dos pequenos
que compramos. Vogando sobre o mar,
avistamos um barco de Corinto.
Mas antes que chegasse – ah, que horror!...

A MEGERA DOMADA

WILLIAM SHAKESPEARE
Adaptação de Ruth Salles

Esta peça de Shakespeare consta ter sido escrita em 1594. É a história de duas irmãs lindas, a mais velha com um gênio terrível, a mais moça gentil e doce. Esta tem dois pretendentes, mas o pai só casa a mais moça depois de casar a mais velha, e é daí que parte a trama da comédia. A peça precisou ser um tanto condensada, para que o tempo de duração ficasse mais de acordo com a idade dos alunos. Por isso, peço que Shakespeare me releve esta liberdade, assim como outras duas: a de ter criado algumas personagens femininas – já que, originalmente há na peça apenas três – e a de ter mudado o discurso final da ex-megera, tirando um pouco o espírito de extrema submissão ao marido e chamando mais a atenção para o bem que provém da alegria e da calma.

TRECHO - Primeiro ato - Cena 1

Praça de Pádua.

Lúcio, Trânio; Batista, Catarina, Margueritta, Bianca, Giovanna, Breno, Hortênsio; Biondello.

LÚCIO (aparece com Trânio):

- Trânio, enfim chegamos à cidade
de Pádua, que eu sonhava conhecer.
Meu pai Vincenzo ficou lá em Pisa,
onde nasci. Por ser comerciante,
agora seu desejo é que eu empregue
meu tempo em estudar filosofia.
Qual a sua opinião, meu caro Trânio?

TRÂNIO: - *Mi perdonate*, meu amo Lúcio. Estou de acordo com a filosofia, a virtude, a moral. Mas, nada de exagerar. Nada de ser estóico, ou seja, estaca. A música e a poesia são prazeres que trazem grande benefício. Em suma, estude o que é de seu agrado.

LÚCIO:

- Trânio, muito obrigado. Bom conselho.
Se Biondello me aparecesse aqui,
já alugaríamos alguma casa,
a fim de receber novos amigos...
Mas, espere, quem vem chegando agora?

(Entram Batista, Catarina, Margueritta, Bianca, Giovanna, Breno e Hortênsio. Lúcio e Trânio se mantêm de um lado, meio ocultos.)

BATISTA:

- Cavalheiros, eu peço: não insistam!
Todos conhecem minha decisão:
Bianca, a filha mais nova, só se casa,
depois que Catarina se casar.
Se algum dos dois prefere Catarina,
eu dou licença para cortejá-la.

BRENO (à parte):

- Cortejá-la ou cortá-la? Ou lixá-la?
Para mim, ela é um bocado áspera.

CATARINA (a Batista):

- Meu pai, não me agrada nada ouvir
o que dizem uns tolos pretendentes.

HORTÊNSIO:

- Você nos considera pretendentes?
Ah, isso, Catarina, só depois
que você se tornar gentil e meiga.

CATARINA:

- O caminho para o meu coração
você não encontrou. Mas, se encontrar,
vou pentear seu cabelo com um banco,
e essa cara de bobo eu vou pintar!

MARGUERITTA (a Catarina): - Catarina! Até parece que você quer ficar solteira! Eu, como sua dama de companhia...

NOITE DE REIS

WILLIAM SHAKESPEARE
Adaptação de Ruth Salles

Consta que a peça “Noite de Reis” foi representada pela primeira vez na festa da Epifania ou Noite de Reis (comemoração da chegada dos reis magos a Belém), ou seja, na décima segunda noite após o Natal. Daí seu nome em inglês ser “The Twelfth Night”, que nada tem a ver com o assunto da peça. Trata-se de uma comédia, em que muitas confusões acontecem, porque a jovem Viola e seu irmão gêmeo Sebastião se perdem um do outro num naufrágio. Viola se disfarça de homem, para trabalhar como pajem de um duque. Sebastião acaba chegando à mesma cidade, e é confundido com ela várias vezes, sem que um saiba do outro, mas as trapalhadas no fim se resolvem.

TRECHO - Primeiro ato - Cena 2

À beira-mar - Viola, contramestre, dois marujos.

VIOLA: - Contramestre, que país é este?

CONTRAMESTRE: - É a Ilíria, senhorita Viola.

VIOLA: - E que vou fazer na Ilíria? Meu irmão Sebastião talvez não se tenha afogado. Que pensais disto, marujos?

MARUJO 1: - Não sabemos dizer, senhorita.

MARUJO 2: - Foi tudo muito confuso.

CONTRAMESTRE: - Foi pura sorte teres sido salva. Mas, até onde meus olhos alcançaram, vi Sebastião lutando, agarrado num mastro que boiava no mar.

VIOLA: - Ah, isso reforça minha esperança. Irmãos gêmeos são tão ligados que nem posso pensar em perdê-lo. Mas... esta terra da Ilíria, tu a conheces, contramestre?

CONTRAMESTRE: - Sim, nasci perto daqui. E quem governa este lugar é um duque. Nobre de nome e de caráter. Chama-se Orsino.

VIOLA: - Orsino? Meu pai falava nesse jovem...

CONTRAMESTRE: - Ouvi dizer que ele se apaixonou por Olívia, uma dama encantadora, que perdeu os pais e o irmão, e agora não quer saber de sair nem de ver ninguém. É assim: os pequenos sempre tagarelam a respeito dos grandes...

VIOLA: - Ah, eu gostaria de servir a ela, passando despercebida até poder revelar minha posição e dizer quem sou.

CONTRAMESTRE: - Isso é impossível. Mas posso recomendar-te ao duque. Disfarça-te de homem para seres seu pajem. É só tu te vestires como teu irmão. Que achas de te chamares Pajem Cesário?

VIOLA: - Boa idéia! E eu te serei sempre grata por ela.